

SNLOC: UM CASO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO LEXICAL NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Milena Torres de Aguiar
Doutorado/UFF

Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira

Neste artigo, voltamo-nos para a descrição e a análise interpretativa de um tipo de SN em uso no português contemporâneo, que resulta da forte integração de forma e sentido de suas subpartes – SN e pronome locativo (doravante Loc). SNLoc é um pareamento altamente vinculado, cumpridor de função atributiva, responsável por instâncias do tipo *essa menina aí* e *um troço lá*, entre outras. Em tais formações, a segunda subparte, o Loc, se encontra destituída de traços de sua categoria fonte adverbial, como referência a lugar concreto e escopo verbal, em prol da articulação de sentido mais abstrato e escopo nominal.

Para a nossa pesquisa, estamos baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso, vertente teórica que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, no intuito de melhor compreender e descrever as práticas linguísticas, em sua interface semântico-formal.

Assumimos como hipótese de trabalho que a SNLoc é um membro marginal da classe dos nomes do português, resultante de construcionalização lexical. A mudança linguística de que resulta tal esquema se inicia nos usos dêiticos, ou mais referenciais, de Loc pós SN; nos padrões fóricos de Loc nessa ordenação e culmina com a cliticização de Loc, que se entrincheira ao SN, formando um novo esquema construcional da língua, no nível do léxico, com função específica atributiva. Assim organizado, consideramos que o SNLoc constitui um padrão altamente esquemático, com produtividade maior na modalidade falada, em registros mais informais e em seqüências de fundo narrativo. Defendemos que a SNLoc é um esquema que exhibe parcial composicionalidade, dado que há preservação de traços da categoria fonte da subparte determinada, o SN, e perda desses traços na subparte determinante, o Loc.

Para dar conta de nossos objetivos e testagem das hipóteses apresentadas, compatibilizamos o viés qualitativo e o quantitativo. Elegemos como banco de dados

sincrônico o *Corpus Discurso & Gramática*¹, que registra a fala e a escrita correspondente de cinco tipos textuais – narrativa recontada e experiencial, relato de opinião e de procedimento, bem como descrição de local. São textos produzidos pela comunidade estudantil de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Niterói, Natal, Juiz de Fora e Rio Grande. Para a seleção do Loc, elegemos os quatro pronomes mais frequentes em uso no português do Brasil – *aqui, aí, ali e lá*.

Este artigo se divide em duas seções principais. A primeira é dedicada à descrição dos contextos de mudança pelos quais SNLoc passa, com base nos dados do *Corpus D&G*, na defesa de que o esquema SNLoc se constitui como etapa final de construcionalização. Na segunda seção, focalizamos especificamente o SNLoc, entendido como construcionalização lexical, examinando seu nível de vinculação de sentido e forma e estabelecendo suas propriedades e marcas prototípicas. Por fim, fazemos algumas considerações a respeito dos resultados até agora obtidos com nossa pesquisa e de seu aproveitamento para estudos futuros.

1. Construcionalização: da dêixis à cliticização

Apresentamos aqui os estágios de mudança que levam à construcionalização do esquema SNLoc estudado por nós, baseados nos pressupostos teóricos que nos orientam, a partir dos dados levantados no *Corpus D&G*. Pautados nos contextos de mudança apresentados por Heine (2002), dividimos as subseções que seguem. Consideramos que a gradiência apresentada é o resultado sincrônico de etapas de mudança, da gradualidade na construcionalização desse esquema.

Em termos dos usos da construção SNLoc, assumimos que houve uma sequência de micro-passos e neónalises, em que o uso mais concreto, com um apontamento físico, o padrão dêitico, e os usos fóricos, com um apontamento de ordem textual, originariam os papéis clíticos de Loc. Desse modo, no último estágio, no uso clítico, se tem a combinação de forma_{nova} – sentido_{novo} criada, cumprindo o processo de construcionalização, com o acréscimo de um novo tipo de SN complexo no rol dessa classe gramatical – SNLoc. Conquanto os padrões dêiticos e fóricos se configurem como arranjos convencionais do português, é no terceiro – o padrão clítico – que se situa a formação mais esquemática e menos composicional, aquela que nos interessa mais especificamente e que constitui nosso objeto maior de investigação.

Para a descrição analítica apresentada nesta seção, pautamo-nos nos dados levantados de todo o Corpus D&G, totalizando 1.048 dados, distribuídos conforme exposto na Tabela 1ⁱⁱ.

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	121	206	149	44	42	562
AQUI	47	24	28	69	41	209
AÍ	23	27	12	49	37	148
ALI	26	21	40	18	24	129
Total	217	278	229	180	144	1048

Tabela 1: Usos de Loc pós SN no *Corpus* D&G

Em termos gerais, a Tabela 1 aponta algumas tendências relevantes, como a maior frequência do Loc *lá* nas posições subsequentes ao SN (562 dados em 1048) e a narrativa recontada como o tipo textual em que mais se articula a posposição de Loc ao SN (278 dados em 1048). Essas tendências são referidas ao final deste artigo. Nas subseções a seguir, organizadas de acordo com a proposta de Heine (2002) sobre os contextos de mudança, os dados quantitativos de cada padrão são apresentados e comentados.

1.1. Contexto típico: padrão dêitico

Segundo Batoréo (2000: 244), os pronomes locativos adverbiais teriam como *função elementar* a localização do objeto, a detecção de linha de orientação e a síntese do espaço, numa atividade de referenciação fundada no egocentrismo, porque relativa à posição do emissor como ponto central. Prototipicamente, a função dêitica de Loc, como contexto típico, que são, segundo Heine (2002), os usos ditos “normais”, mais concretos, concorre para situar e identificar os objetos, as pessoas, as atividades, os eventos e processos em relação ao contexto de espaço, tempo e pessoa mantidos durante a enunciação. A dêixis atua como se apontássemos para algum ponto, para mostrar algo ao nosso interlocutor, e os locativos exercem com eficiência tal função.

Observemos alguns fragmentos do *Corpus* D&G em que os locativos estão seguidos de um SN, atuando como dêiticos:

(2) tem a rede também... (fico) entre a rede e **essa cadeira aqui...** eh::... a cadeira é o melhor lugar pra estudar... (RJ – DL oral)

(3) eh... uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu cá... aí tá até **a cicatriz aqui...** (Niterói – NEP oral)

Analisando o dado (2), observamos que o locativo *aqui* aparece imediatamente após o SN *essa cadeira*, articulando uma expressão dêitica, que concorre para a localização espacial do objeto *cadeira*. O locativo *aqui*, em função dêitica, posposto ao SN, cumpre o apontamento físico, propriedade de sua classe gramatical original. O mesmo ocorre em (3), no uso de *a cicatriz aqui*.

Na Tabela 2, trazemos o levantamento do padrão dêitico no *corpus* pesquisado:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	-	-	-	2	-	2
AQUI	27	5	16	44	16	108
AÍ	1	4	2	5	12	24
ALI	-	3	-	1	6	10
Total	28	12	18	52	34	144

Tabela 2: Uso dêitico de Loc pós SN no *Corpus* D&G

Se levarmos em conta o total de 1048 registros gerais de Loc pós SN, conforme apresentamos na Tabela 1, constatamos que o padrão dêitico é de pouca frequência, perfazendo 144 dados, o que ultrapassa um pouco 10% do número geral. *Aqui* é o Loc mais recrutado para tal uso, com a representativa marca de 108 registros, entre os referidos 144 dados, e o relato de opinião, com 52 dados, constitui o tipo textual de maior frequência nesses usos. Consideramos que a referência da primeira pessoa como o centro dêitico em que se situa o locutor, no caso de *aqui*, bem como os trechos expositivos do relato de opinião, em primeira pessoa, motivam a maior frequência do tipo de Loc e de sequência tipológica referidos.

Assumimos que, assim ordenado, imediatamente após o SN e escopando este constituinte, passa a ser licenciada a neoanálise do locativo, no que Tavares (2009) considera sua função *especificadora*.

1.2. Contexto típico: padrão catafórico

Além do apontamento físico para um lugar do espaço, os locativos também podem realizar um apontamento em plano textual, atuando como elementos de coesão do discurso, na articulação da relação fórica. Assim, ainda como contexto típico, pois ainda há um apontamento concreto, só que para uma referência de lugar que se encontra imediatamente após o locativo, temos o uso como advérbio catafórico, conforme ilustramos em:

(4) I: tenho... do Natal... ahn... porque o Natal é muito bom... eu comemoro o **Natal lá na casa da minha avó...** a gente faz uma festa... (Rio Grande - RO oral)

(5) eu ainda descí... fui na casa de um outro colega meu... pra gente ver se... se ele conhecia **alguém ali de dentro...** pra ver se conseguia pegar o relógio de volta... (Niterói – NEP oral)

(6) Como votar em Monarquia, República ou Parlamentarismo, e Presidencialismo quando a maioria da população não sabe nem o que cada um significa e às vezes nem sabe quem é o próprio prefeito ou governador de sua cidade ou estado respectivamente, como aconteceu com **a faxineira lá de casa.** (RJ – RO escrito)

O Loc catafórico introduz informação nova, ou seja, tem sua referência preenchida no contexto linguístico seguinte. O usuário, para melhor completar o sentido de Loc, utiliza um SPrep preenchedor dessa referência, tal como verificamos em (4), por exemplo, em que *lá* é preenchido semanticamente pelo Sprep *na casa da minha avó*. De acordo com Paiva (2003), o padrão catafórico de Loc aqui apresentado se configura como função de superespecificação, dado que a referência espacial efetivamente é preenchida pelo SPrep; de nossa parte, como Oliveira (2011), consideramos que não se trata de maior especificação, mas sim do preenchimento de sentido espacial para o cumprimento dessa referência adverbial.

Assim, o padrão dêitico e o padrão catafórico seriam contextos interpretados como típicos, pois, como já exposto, são eles os usos mais concretos dos locativos pós Sintagma Nominal.

Na Tabela 3, apresentamos o levantamento do padrão catafórico no *corpus*:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	40	51	37	18	23	169

AQUI	15	11	7	20	12	65
AÍ	-	3	-	4	1	8
ALI	9	4	10	6	7	36
Total	64	69	54	48	43	278

Tabela 3: Uso catafórico de Loc pós SN no *Corpus D&G*

Com frequência sensivelmente maior que o uso dêitico, o padrão catafórico corresponde a 278 dados, entre os referidos 1048 gerais. Nesse grupo catafórico, o Loc de maior número de registros é *lá*, com 169 dados; consideramos que o sentido de maior distanciamento espacial desse pronome, aliado à sua referência vaga e imprecisa, motiva a maior seleção nesse padrão de uso. Em termos de tipologia textual, conforme exposto na Tabela 3, o padrão catafórico se apresenta mais equilibradamente registrado nos cinco tipos textuais que compõem o *Corpus D&G*, com tendência um pouco maior para ocorrência nos relatos, sejam recontados ou experienciais. Assumimos que o padrão catafórico mais usado nesse tipo de texto se deve ao enquadramento espacial que prototipicamente marca as sequências narrativas, em que a referência de lugar é uma propriedade básica.

1.3. Contexto-ponte: padrão anafórico

Como contexto-ponte da construcionalização de SNLoc, em etapa subsequente ao padrão dêitico e catafórico, temos os usos anafóricos. Na função textual anafórica, Loc recupera informação anterior, conferindo ao contexto linguístico maior coesão. Assim, Loc pós SN retoma referência de lugar citada anteriormente, como em:

(7) O Pico da Caledônia é um lugar onde me sinto bem e gostaria de estar sempre. No entanto ele fica distante e não de fácil acesso. Ele fica na minha cidade origem, Nova Friburgo, a 2083m de altitude. Para chegar lá tem que se passar por uma estrada, depois subir um morro íngreme que leva mais ou menos uma hora e por último mais 600 degraus. Em compensação, **a chegada lá** é indescritível: lindíssimo, paisagem perfeita, maior astral são palavras pequenas para aquele lugar tão sublime. (RJ – DL escrito)

(8) minha escola é legal... eu gosto de alguns professores... tem professores ruim [...] porque **a diretora dali** é muito rígida...” (Niterói – RO oral)

(9) a sala tem quatro portas... dois/ duas janelas... aí tem... tem meu/ **minha estantezinha lá**... com o som... (Juiz de Fora – DL oral)

Segundo o subprincípio icônico da proximidade ou integração (GIVÓN, 1995), conceitos mais integrados conceptual, funcional ou cognitivamente também se apresentam com maior integração morfossintática. De outra parte, ou complementarmente, o que se separa na estrutura se desvincula na expressão semântico-sintática. Nesse sentido, a distância maior entre o referente e o Loc que o recupera, ilustrada nos fragmentos (7), (8) e (9), motiva a menor integração entre ambos. Tal ruptura no nível do sentido e da forma concorre para o enfraquecimento da relação fórica, contribuindo, por outro lado, para a neoanálise de Loc como clítico nesses ambientes.

Em (9), por exemplo, na expressão *minha estantezinha lá*, o Loc se refere anaforicamente ao SN *a sala*, mencionado no trecho inicial do fragmento. A distância entre os dois constituintes – o SN *a sala* e o Loc *lá*, aliada ao fato de Loc escopar outro SN, *minha estantezinha*, sucedendo-o, cria condições para a neoanálise da expressão *minha estantezinha lá*, tomada como arranjo mais entrincheirado, em termos de sentido e forma.

Trazemos, na Tabela 4, o levantamento do padrão anafórico no *Corpus D&G*:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	66	69	105	19	10	269
AQUI	-	1	1	2	-	4
AÍ	16	17	7	31	17	88
ALI	12	6	27	9	7	61
Total	94	93	140	61	34	422

Tabela 4: Uso anafórico de Loc pós SN no *Corpus D&G*

Com 422 registros, o padrão anafórico é o mais recorrente em nosso *corpus*, perfazendo mais de 40% dos dados gerais. Esse padrão é articulado em maior frequência, conforme demonstra a Tabela 4, por intermédio do Loc *lá*, que contabiliza 269 registros, correspondente a mais de 60% do geral. Em termos de tipo textual, a descrição de local, seguida pelos dois tipos de narrativa, são os contextos de maior

incidência do padrão anafórico de Loc, como usados nos fragmentos (9), (10) e (11) desta subseção.

Consideramos que no padrão anafórico estamos diante de contexto-ponte de mudança, de acordo com Heine (2002). Para o autor, este é um estágio em que se origina uma inferência no sentido, e, em vez de o significado de origem, um significado alvo é entendido, mas, uma interpretação em termos do significado de origem não pode ser excluída. E é justamente o que verificamos nos usos anafóricos, pois se trata de contextos que deixam dúvidas, muitas vezes não esclarecidas, se estamos diante de uso anafórico ou já mesmo diante de função clítica, que é o próximo e último estágio da mudança gramatical de Loc. Tal ambiguidade pode chegar a níveis maiores, principalmente nos ambientes em que Loc posposto a SN se encontra muito distante do referente anterior de lugar e quando esse lugar se refere a um espaço mais abstrato ou virtual, codificado em SNs do tipo *no meu sonho, neste capítulo* e afins.

1.4. Contexto de mudança: padrão clítico

Por fim, como estágio mais avançado de derivação semântico-sintática de Loc rumo ao esquema SNLoc, configurador de construcionalização, temos os chamados usos clíticos. Nessa função, Loc passa a atuar como forma dependente do SN a que sucede, compondo com este um novo esquema semântico-sintático em que o pronome locativo passa a atuar, nos termos de Tavares (2009), como papel especificador, escopando esse SN. Esse esquema é instanciado como destacamos a seguir:

(10) tenho... tenho muito... até **essas menininha aí** que... que... que não gosta de falar com... com menino... fala... que a professora até falou “ó não precisa ter vergonha... e vai falar com todo mundo” aí todo mundo fala...” (Niterói – RO oral)

Em (10), o locutor comenta sobre algumas alunas de seu colégio – *essas menininha aí*. Afastado do constituinte verbal e posposto ao SN *essas menininha*, o Loc *aí* passa a escopar tal SN, concorrendo para atribuir alguma especificação a este referente, na posição de determinante do SN, funcionando como seu atributo. Tal configuração de sentido e forma motiva a nomeação do esquema SNLoc como *nominal atributivo*, uma construcionalização que deriva em mais um membro complexo da classe dos SNs do português, aí situado em posição marginal.

O uso clítico de Loc apresenta propriedades que confirmam seu entrenchamento maior ao SN, na formação de um novo esquema na língua: os traços da classe adverbial se esvaem, em prol do ganho de marcas da forma dependente especificadora, atuando de forma semelhante a um adjetivo; do nível sintático migra-se para o nível morfológico, numa etapa mais avançada do ciclo funcional; a relativa mobilidade sintática diminui ou mesmo cessa, por conta da natureza mais rígida das relações morfológicas internas ao esquema criado; sua semântica de lugar é substituída pela referência à imprecisão, à indefinição ou à pouca importância do SN; o *frame* da cláusula em que SNLoc é instanciado tem propriedades semânticas menos concretas ou espaciais, prevalecendo a marca da abstração e da (inter)subjetividade.

No uso clítico de Loc, não se pode recuperar efetivamente seu papel dêitico ou fórico, uma vez que agora atua de modo mais efetivo na especificação do SN. O esquema SNLoc articula um tipo de referência de ordem pragmático-discursiva, voltado para a não especificação ou não importância do que declara o locutor, como destacamos nos seguintes *tokens* do *corpus* D&G:

(11) **um surfista lá** ajudou a Patrícia a sair da água... (RJ – NR oral)

(12) I: que os caras **os caminhoneiros lá** estavam dizendo tudo pra ele aí ele me disse... eu fiquei muito chocado com esta história... (Juiz de Fora – NR oral)

(13) eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) **um fenômeno paranormal aí** que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... (Natal – NEP oral)

(14) “a...a guria tem dezesseis pra dezessete anos... não... não... não cabe mais bater numa/ num jovem... se fosse uma pessoa de onze... **doze anos aí**... vamos dizer assim... seria o tapa moral...” que a gente chama... né? (Rio Grande – NEP oral)

(15) esses moleques mata... sabe? tudo mafioso... sabe? aí falaram... falaram... que iam matar ele... não sei o quê... () até ficaram de aparecer hoje aqui no colégio... **os cara lá** que ele brigou... (RJ – NR oral)

Como observamos de (11) a (15), os *tokens* instanciados da SNLoc representam contexto de mudança, de acordo com Heine (2002). Trata-se do último estágio proposto pelo autor, de nível III, em que ambientes linguísticos específicos favorecem leitura para a exclusão de outra, com mudança de estatuto gramatical do novo esquema criado.

Apresentamos a seguir, com a Tabela 5, o levantamento do padrão clítico:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	15	86	7	5	9	122
AQUI	5	7	4	3	13	32
AÍ	6	3	3	9	7	28
ALI	5	8	3	2	4	22
Total	31	104	17	19	33	204

Tabela 5: Uso clítico de Loc pós SN no *Corpus D&G*

Conforme observamos pela Tabela 5, o padrão clítico de Loc é o terceiro em termos de frequência, com 204 registros entre os 1048 dados gerais. Ratificando tendência já detectada em outros padrões, para a articulação desse contexto é recrutado com mais recorrência o Loc *lá*, com 122 dados, o que constitui mais da metade dos dados gerais. A respeito da tipologia textual, é na narrativa recontada, com 104 registros, que se encontra a maior frequência de uso clítico. Consideramos que tal tendência tem a ver com o fato de que, em sendo um relato de terceiro, o locutor se concentra na figura narrativa, no fio central que marca o episódio relatado, se eximindo, ou não dando importância, a aspectos marginais do relato, que ficam no plano de fundo, tal como observamos nos fragmentos (11), (12) e (15) desta subseção.

Os usos desse último padrão são compreendidos, pois, como mais abstratizados e gramaticalizados; o sentido de lugar, como componente semântico objetivo e prototípico de Loc, não se faz mais tão presente, e, em seu lugar, se articula referência (inter)subjativa, voltada para a imprecisão, a indefinição ou a pouca importância. Postulamos que a nova formação SNLoc se configura como mais um membro da classe SN, um esquema complexo e marginal dentro dessa categoria lexical.

2. SNLoc como construcionalização lexical

Após apresentarmos os estágios de mudança da construcionalização de SNloc, nos atemos nesta seção ao último estágio, na formação de um novo pareamento de forma e sentido no léxico do português, e a suas propriedades semântico-sintáticas. Como temos aqui defendido, assumimos que a SNLoc resulta de processo de construcionalização lexical, em que a subparte nominal preserva conteúdo referencial, concernente à classe dos substantivos, e a subparte adverbial locativa, destituída de seus

traços semântico-funcionais prototípicos, se entrincheira àquela, à semelhança de um adjetivo ou afixo, na formação de um novo esquema da língua. Tal esquema se insere marginalmente na classe dos SNs, dado que mantém conteúdo referencial, representado pelo SN, marcado por certa (inter)subjetividade, representado pelo Loc.

Assim articulada, interpretamos a nova formação como um item lexical de papel atributivo – ao mesmo tempo em que faz referência objetiva, confere um tipo de valor ou atributo a tal referência, no nível (inter)subjetivo. Estamos tratando de instanciações como as seguintes:

(16) apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era **uma doença lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (RJ - NR oral)

(17) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar **umas coisas aí**... cara...” (RJ – NEP oral)

Nos fragmentos (16) e (17), não é possível a atribuição de papel dêitico ou fórico ao Loc posposto ao SN. Em outro sentido, SN e Loc formam um só pareamento, um todo de sentido e forma em que Loc, como subparte determinante, escopa o SN, trazendo algum matiz abstrato ou (inter)subjetivo à referência.

Conforme postulamos inicialmente, a construcionalização de que resulta SNLoc é um tipo de mudança no nível do léxico. Como Brinton e Traugott (2005: 96), entendemos que a lexicalização é

a mudança em que, em certos contextos linguísticos, falantes usam uma construção sintática ou formação de palavras como uma nova forma de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são completamente deriváveis ou previsíveis dos constituintes da construção ou do padrão de formação de palavras.

Com o SNloc, se depreende um novo sentido, diferente do sentido composicional de cada item. Trata-se de uma macroconstrução altamente esquemática, que é instanciada no atendimento aos propósitos comunicativos dos falantes, em contextos pragmáticos específicos. Assim, o esquema se torna progressivamente mais fixado ou fossilizado, perdendo sua composicionalidade semântica – seu sentido não é totalmente previsível pelo sentido de suas partes – e entrando para o léxico da língua

portuguesa, sendo processado e interpretado holisticamente. Vejamos mais um dado do corpus:

(18) **uma mulher lá...** eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né?" (RJ – NR oral)

O construto *uma mulher lá* instancia o SNLoc em (18). Consideramos que o locutor teria a possibilidade de usar apenas *uma mulher*. Ao optar por *uma mulher lá*, demonstra que não sabe quem é essa mulher ou que não lhe interessa quem seja no momento da enunciação. A menção pura e simples a *uma mulher* não conferiria o sentido vago ou pouco relevante instanciado em (18). O construto *uma mulher lá* é entendido, então, como um só bloco semântico-sintático, um todo de sentido e forma, que está no inventário do português, disponibilizado para o uso com determinada finalidade. Tal observação encontra respaldo em Lehmann (2002), o qual aponta que *lexical* pode ser o que pertence ao inventário e tem um sentido específico.

Detalhando mais nitidamente o SNloc, com base nos dados apresentados na Tabela 5, ilustrada na subseção 1.4 deste artigo, constatamos que há instanciações mais e menos prototípicas, ou seja, há construtos em que detectamos mais claramente o distanciamento da referência locativa e maior sentido de imprecisão, indefinição. Podemos sumarizar essas tendências com base nas características das subpartes de SNLoc:

I) Quanto ao SN:

a) Na posição de determinante, o mais prototípico é o artigo indefinido, o que vem a concorrer para a ideia de indefinição do esquema.

b) Na posição de determinado, o mais prototípico é o substantivo que faz referência a seres humanos, genéricos ou indefinidos, o que vem ao encontro da semântica de imprecisão e indefinição de Loc e da construção como um todo.

II) Quanto ao Loc: O mais prototípico e frequente é *lá*, conferindo maior indefinição e descomprometimento em relação ao sentido articulado pelo SN, o que encontra respaldo no parâmetro de granularidade, proposto por Batoréo (2000) para a pesquisa da articulação da referência espacial no uso linguístico.

Entre os quatro locativos levantados em nossa investigação, *lá* é o único que possui granularidade vasta (marca da imprecisão e indefinição situacional). Por outro lado, *aqui*, *ali* e *aí* participam do subsistema de granularidade fina ou estreita (referência de lugar com maior pontualidade e precisão). Em termos semânticos, *lá* indica maior distanciamento e difusão; em termos estruturais, *lá* é monossilábico, uma forma gramatical leve e pouco saliente.

Como ilustramos na Tabela 5, em 204 dados de Loc como clítico, 122 são articulados por intermédio do Loc *lá*, tal como exemplificamos a seguir, com usos exemplares de SNLoc (det^{TE} artigo indefinido + nome genérico + Loc *lá*):

(19) tinha também um:: **um troço lá**... que a gente subia... ele pulava... né? um:: uma/não sei se ele pulava ou andava [ahn] é um troço assim:: (Niterói – DL oral)

(20) mas só... que aconteceu lá... **uma menina lá**... um/ ela estava correndo... ela subiu assim correndo... pra cima assim/ (RJ – NR oral)

(21) ‘oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” aí elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... (RJ – NR oral)

Nos *tokens* destacados de (19) a (21), o locutor articula referentes pouco claros ou relevantes, que se caracterizam justamente pela presença da marca (inter)subjativa e da abstração, conferindo o matiz distinto do esquema SNLoc em relação ao SN puro.

Aplicando as propriedades de conteúdo e forma propostas por Croft (2001) como elo de correspondência simbólica na pesquisa da SNLoc, estabelecemos os seguintes traços caracterizadores dessa construcionalização lexical:

Propriedades da forma

Sintáticas	Entrincheiramento SNLoc, com cliticização da segunda subparte
Morfológicas	Formação de novo elemento lexical, membro marginal da classe dos nomes
Fonológicas	Criação de um só vocábulo fonológico, cujo acento tônico recai na

	primeira subparte
--	-------------------

Propriedades do sentido

Semânticas	Abstratização da segunda subparte, com perda de seu sentido referencial
Pragmáticas	Expressão (inter)subjativa, em lugar da objetiva, na expressão de sentido avaliativo
Discursivo-funcionais	Ocorrência em contextos informais, em sequências de fundo narrativo

Quadro 1: Propriedades de forma e sentido da SNLoc

A partir do Quadro 1, consideramos que o prototípico SNLoc apresenta as seis propriedades de estrutura e conteúdo referidas. Com base na consideração da gradiência que marca as categorias gramaticais, conforme postula Bybee (2010), assumimos que alguns desses traços podem estar mais ou menos salientes em instanciações específicas.

Considerações finais

Conforme defendemos no decorrer deste artigo, ratificamos o estatuto lexical do esquema SNLoc e o consideramos como resultante de construcionalização, numa trajetória que tem como ponto de partida o uso dêitico e catafórico de Loc pós SN, se estende para funções anafóricas e daí para clíticas, em crescente vinculação de Loc ao SN anteposto. Assim configurado, SNLoc se constitui como formação complexa produtiva e parcialmente esquemática do português, que convive com arranjos menos vinculados de suas subpartes, de natureza dêitica e fórica, respectivamente.

Em termos de correspondência de forma e sentido, detectamos propriedades pareadas, que unem simbolicamente esse esquema. Assim, concomitantemente às alterações no nível sintático, morfológico e fonológico, ocorrem mudanças no plano semântico, contextual e discursivo-funcional, que ratificam o pareamento referido e conferem ao SNLoc lugar, ainda que marginal, na classe dos nomes da língua.

Os resultados a que chegamos destacam a gradiência das categorias da língua, em termos semântico-sintáticos, e ensejam a continuidade da pesquisa, na investigação de outras construcionalizações do português e na detecção de suas propriedades semântico-sintáticas. Nesse sentido, está aberta uma ampla e diversificada agenda de

pesquisas na área da Linguística Funcional Centrada no Uso, que deverá contribuir não só para o maior conhecimento léxico-gramatical do idioma como também para a aplicabilidade desse conhecimento em setores específicos.

Referências

AGUIAR, M. T. Padrões funcionais no uso de pronomes locativos: uma abordagem construcional. In: Anais do SILEL. vol. 2, no. 2. Uberlândia, 2011.

BATORÉO, H. Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRINTON, L; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (ed) *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: Wischer, I; Diewald, G (eds). *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 2002, p. 1-18.

OLIVEIRA, M. R. Pronomes locativos em construções do português contemporâneo. In: *Letras & Letras*, vol, 27, no. 1, 2011, p. 97-109.

OLIVEIRA, M. R; AGUIAR, M. T. A trajetória de gramaticalização *advérbio > clítico* no uso dos pronomes *aí, ali, aqui* e *lá*. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C (org). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, p. 142-152.

PAIVA, M. C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. IN: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 132-143.

TAVARES, M. A. Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade. In: Gragoatá, volume 26, 2009, p. 103-120.

TRAUGOTT, E. Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization. In: SMIRNOVA, E; BARODAL, J; SOMMERER, L (eds). *Historical construction grammar*, 2012, p. 1-21.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine *et al* (eds) *Variation, Selection, Development-- Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ⁱ Disponível no site <http://www.discursoogramatica.letas.ufrj.br/>

ⁱⁱ As siglas na primeira linha da Tabela 1, tal como apresentamos nas tabelas subsequentes, se referem aos tipos de textos integrantes do *Corpus D&G*: NEP: narrativa experiencial; NR: narrativa recontada; DL: descrição de local; RO: relato de opinião; RP: relato de procedimento.